

MUSEU DE IMPRENSA-MADEIRA, BREVE RESENHA HISTÓRICA

O Museu de Imprensa-Madeira (MIM) situado na cidade de Câmara de Lobos, Região Autónoma da Madeira, foi inaugurado a 1 de agosto de 2013, abriu ao público a 16 de setembro desse ano e assume-se como uma memória histórica dos tempos em que a imprensa escrita se impunha como o principal meio de comunicação de massas¹.

Tem por missão mostrar, inventariar e recuperar o património da indústria gráfica e da imprensa da Região Autónoma da Madeira, valorizar a história da imprensa e da tipografia e contribuir para a dinamização cultural da Região Autónoma da Madeira.

O Museu situa-se na cidade de Câmara de Lobos, um município localizado na zona metropolitana do Funchal, (distância 9 km da capital da Região Autónoma da Madeira) e a sua construção resultou de uma decisão da Câmara Municipal de Câmara de Lobos em dotar o município com uma instituição cultural ao serviço da sociedade e que preenchesse uma lacuna ao nível da oferta museológica regional. A criação de um museu de imprensa vinha a ser um projeto adiado na Madeira, apesar da Região possuir um património considerável nesta área de atividade. O Museu de Imprensa-Madeira está instalado no edifício da Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos, construída em 2009, ao abrigo do Projeto da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, e ocupa uma área com cerca de dois mil metros quadrados, ao longo dos quais se desenvolve a exposição permanente, subdividida em seis grandes áreas: Fundição, Composição Manual, Gravura, Composição Mecânica Impressão e Encadernação.

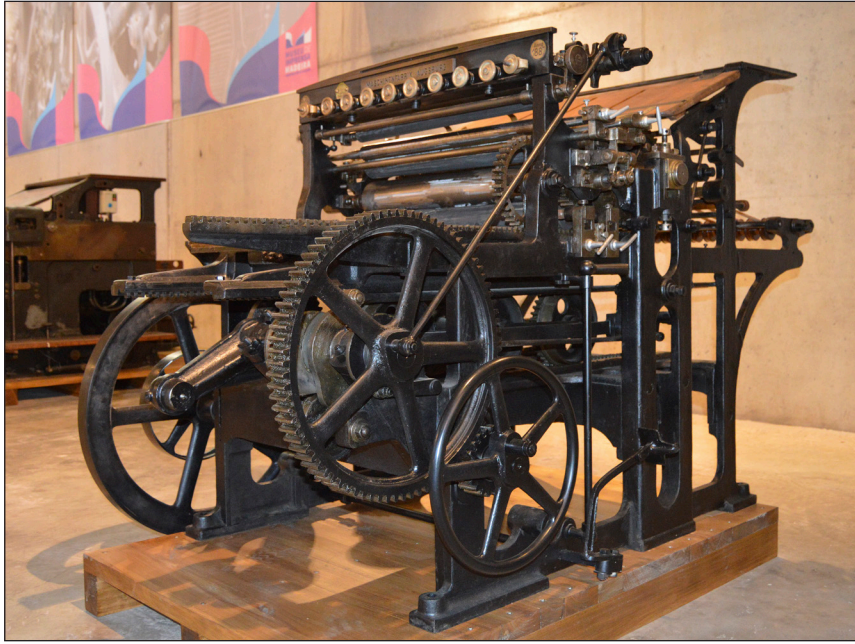
1. FLORENÇA, Teresa. *Imprensa republicana madeirense: 1880-1926*. In: *República e republicanos na Madeira: 1880-1926*. Funchal: Secretaria Regional de Educação e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico, 2010; OLIVEIRA, A. Lopes de. *Jornais e jornalistas madeirenses*. Braga, 1969; PACHECO, José. *Artes gráficas e a imprensa em Portugal (séculos XV-XIX)*. Lisboa: Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, 2013; TENGARRINHA, José. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2ª ed. Lisboa, 1989; TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa das origens a 1865*. Lisboa, 2013; VERÍSSIMO, Nelson. *A educação da mulher segundo a imprensa madeirense: de meados de Oitocentos ao início do século XX*. In: CORDEIRO, Carlos; SILVA, Susana Serpa (coord.). *História da imprensa e a imprensa na história: o contributo dos Açores*. Ponta Delgada: Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade dos Açores; Coimbra: Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, 2009.



Máquina mais antiga do Museu de Imprensa-Madeira, datada de 1886, trata-se de uma máquina de impressão Minerva, de modelo manual, vertical, fabricada pela Golding & Cº, Boston, E.U.A.

A ala central, em *open-space*, é multifuncional e serve de palco a conferências, palestras e exposições temporárias, em estreita comunhão com a exposição permanente.

A instalação do museu contou com a cooperação do Museu Nacional de Imprensa e coube ao diretor deste, o Prof. Dr. Luís Humberto Marques, a responsabilidade pela narrativa expositiva e enquadramento cénico. A pesquisa de espólio e recolha de património ficou ao encargo do autor deste texto, Lourenço Freitas, que exerce funções de coordenador do museu desde a sua abertura até à presente data, esse processo decorreu entre 2011 e 2013 e permitiu que hoje ao Museu de Imprensa-Madeira apresente um vasto espólio tipográfico originário do Séc. XIX e Séc. XX, todo ele recolhido na ilha da Madeira, proveniente de órgãos de informação, como o *Jornal da Madeira*, já extinto, e do *Diário de notícias*, fundado em 1876 e em plena atividade, e ainda provenientes da extinta «Imprensa Regional» (empresa



Máquina de impressão plana-cilíndrica fabricada pela Maschinenfabrik Augsburg, em 1887.

pública) e de tipografias comerciais, umas extintas, como é o caso da Tipografia Fagundes, Tipografia Camões, Tipografia Novo Mundo e da Tipografia Casa Pathé, e outras em atividade, como a Tipografia Natividade e da Gráfica do Estreito, esta última situada no município de Câmara de Lobos.

Além de pretender ser um referencial histórico, o Museu de Imprensa-Madeira simultaneamente procura interagir com a sociedade e o meio onde se insere, e procura abrir-se a outras iniciativas que não somente museológicas ou expositivas. O museu funciona como um espaço cultural aberto no qual cabem congressos internacionais, conferências temáticas, concertos musicais e exposições temporárias.

Esta foi uma estratégia para promover o próprio museu e valorizar o espólio material e imaterial que ele encerra, bem como para aproximar a sociedade a um passado que lhe pertence, e assim poder contactar com um património, com documentos e objetos que ajudaram a formar a sociedade que somos hoje.

Na perspetiva de abertura à população, as entradas no museu são gratuitas para pessoas até aos 18 anos, assim como para todo o tipo de visitas de estudo. O ingresso de adultos, dos 18 aos 64 anos, tem um custo de três euros e utentes a partir dos 65 anos, dois euros.



Pormenor da máquina de impressão plana-cilíndrica datada de 1887.

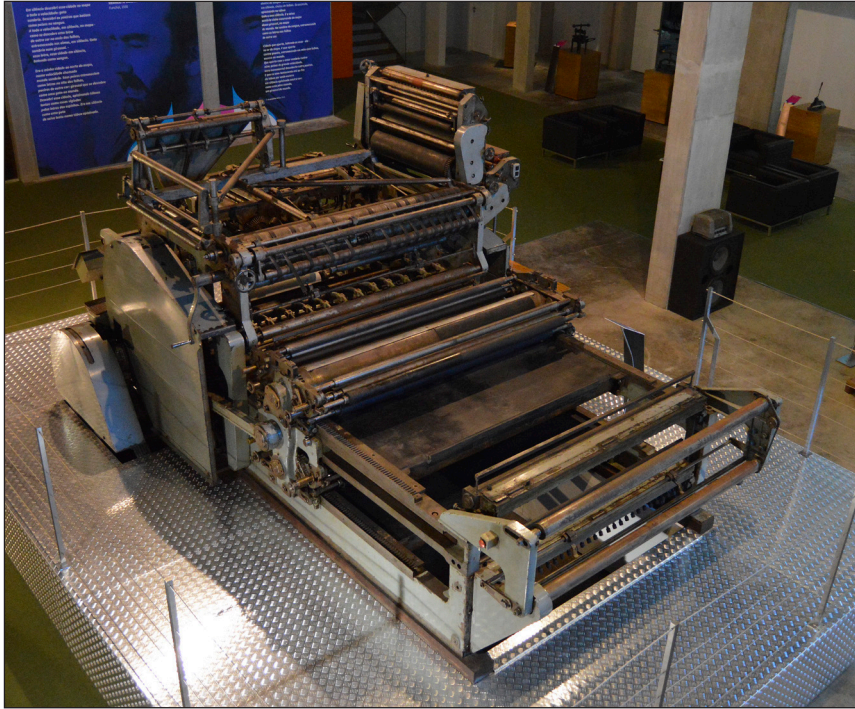
A narrativa do Museu de Imprensa-Madeira está focada nos últimos três séculos, mas não deixa de recordar a origem da imprensa, resultante da invenção da prensa tipográfica por Johannes Gutenberg, por volta de 1449, um dos maiores feitos da humanidade, a partir do qual os livros deixaram de ser copiados à mão e a reprodução tipográfica potenciou a difusão do conhecimento e da cultura. Até àquela data os textos eram reproduzidos de forma manuscrita e lenta e era uma tarefa executada exclusivamente pelo clero.

A imprensa democratizou o acesso ao conhecimento contido nos livros e, concebida que foi a invenção de Johannes Gutenberg, poucas décadas depois já toda a Europa conhecia o processo de reprodução tipográfica. Em Portugal, por exemplo, os benefícios da imprensa começaram a ser sentidos por volta de 1500.

Em ato contínuo, a descoberta de Gutenberg levou ao surgimento dos primeiros «jornais», que nesse tempo não eram mais do que folhas noticiosas não periódicas, ocasionais, e que descreviam um único acontecimento.

Em Portugal, a primeira folha noticiosa impressa de que há conhecimento remonta a 19 de Outubro de 1588, e relatava informação sobre a destruição da «Armada Invencível».

Depois, a par do progresso da tipografia e da melhoria das comunicações, o interesse do público europeu pela notícia levou ao aparecimento dos jornais propriamente ditos. Deu-se uma evolução das folhas noticiosas para os jornais ao longo dos Séc. XVII e XVIII.



Máquina de impressão rotativa. Marca: Duplex, fabricado por: George Mann & Co. Ltd, Leeds, England.

A ilha da Madeira entrou para história da imprensa portuguesa a 2 de julho de 1821, data da publicação do primeiro jornal insular português, *O patriota funchalense*, que saía às quartas-feiras e sábados, redigido por Nicolau Caetano Bettencourt Pita, e era impresso na tipografia de «O Patriota» por Alexandre Gervásio Ferreira, que viera do continente com o material tipográfico necessário.

Tal como a imprensa escrita, os progressos na indústria tipográfica nacional acompanharam o progresso industrial do país, inicialmente lento e depois mais dinâmico no último quartel do século XIX.

Quanto à composição, que era feita exclusivamente por processo manual, a partir do final do séc. XIX, vai ser substituído pelo mecânico. Na ilha da Madeira, também por esta altura são introduzidas as máquinas Linotype e Intertype, das quais o Museu da Imprensa-Madeira tem o privilégio de possuir uma em muito bom estado de conservação, datada de 1911, que lhe foi cedida pela Tipografia Natividade e que inicialmente pertenceu ao *Diário de notícias* (Funchal), fundado em 1876. Possui também uma outra,



Máquinas de impressão mecânicas automáticas, Original Heidelberg, datadas de 1930 a 1960.

mais recente, tendo pertencido ao *Diário da Madeira* e posteriormente à Imprensa Regional da Madeira EP.

Tal como a humanidade, o percurso da imprensa tem evoluído ao longo do tempo. Desde a descoberta de Gutenberg até hoje, século XXI, a produção tipográfica sofreu inúmeras transformações. A composição manual deu lugar à composição mecânica até chegamos a técnica de impressão *offset*, a par da qual, em pleno século XX, a mecanização chegou à exaustão do seu desenvolvimento com a junção da computação, que veio modificar radicalmente a tipografia convencional, e nos permite afirmar que estas transformações e evoluções, por si só, justificam a criação de museus de imprensa, de grande e pequena dimensão, em grandes e em pequenas localidades. Pois, os museus, enquanto espaços de conhecimento, proporcionam um contacto com realidades do passado, e até com atividades profissionais extintas, como é o caso da tipografia, e da impressão tipográfica. No caso do Museu de Imprensa-Madeira, a exposição permanente associa não só antiguidade e memória, mas também raridade e singularidade. Reúne cerca de cinco dezenas de máquinas e um considerável património histórico tipográfico, litográfico, cinematográfico, e outro associado à área da Imprensa e Comunicação, onde se destacam alguns equipamentos e máquinas originais dos séculos XIX e XX, que passamos a enumerar:



Ala central do museu, onde ocorrem as exposições temporárias e as conferências.

- Máquina de Impressão Minerva, de modelo manual, vertical, datada de 1886, fabricada pela Golding & C^o, Boston.
- Uma máquina de impressão Minerva de braço ou alavanca, modelo manual.
- Pequena máquina de impressão manual, La Magand.
- Uma prensa metálica de pequeno porte, com punho de latão dourado.
- Uma pequena prensa metálica de pequeno porte, com mesa de apoio em madeira.
- Uma prensa de corte, datada de 1890.
- Uma maquina de impressão plana-cilíndrica fabricada pela Maschinenfabrik Augsburg em 1887.
- Máquina de impressão plana-cilíndrica para impressão de trabalhos especializados, nomeadamente impressão de linhas e de folhas de 25 linhas, a duas cores.
- Máquina de impressão plana-cilíndrica fabricada pela Maschinenfabrik Augsburg em 1938.
- Máquina de impressão manual (pedaleira), modelo minerva.
- Uma máquina de impressão semi-automática, modelo Minerva, elétrica. Trata-se de uma máquina com cofre fixo e platina de um só bloco e de movimento a charneira.

- Uma máquina de impressão semi-automática, modelo Minerva, elétrica de 380 Volts, fabricada em Londres, por Hughes & Kimber Ltd.
- Várias máquinas de impressão mecânicas automáticas, Original Heidelberg, datadas de 1930 a 1960.
- Máquina de impressão, Grafopress, de fabrico checoslovaco.
- Uma guilhotina manual alemã, fabricada por Karl Krause, com o n.º 131882, Leipzig, e conforme selo incrustado na mesma, comercializada pela empresa espanhola Fundición Tipográfica Sucesor de J. de Neufville, Barcelona.
- Uma guilhotina manual de fabrico inglês: Furnival's Patent. M. Powell, London, sec. XIX.
- Duas cisalhas ou guilhotina tipo facão para corte de papel.
- Guilhotina trilateral.
- Máquina de agrafar elétrica, marca Rapidix 476.
- Duas máquinas de picotar a pedal.
- Máquina de agrafar, pedaleira.
- Duas máquinas de cantear e furar.
- Prelo de provas.
- Máquina de escrever marca Royal, modelo Bar-Lock, de 1945-50, fabricada pela empresa Barlock Typewriter Co. Nottingham, England.
- Intertype Modelo: Model v, Fabricado por Harris-Intertype, Ltd., Inglaterra-Slough, Bucks. Data de Fabrico: 1911.
- Máquina de composição mecânica. Intertyp (1960 aproximadamente).
- Original Heidelberg Cylinder, modelo KS 38 x 52 cm (15' x 20 ½'), fabricada em 1959, com o n.º de série 483.
- Máquina de impressão offset, de uma cor.
- Máquina de Impressão Rotativa. Marca: DUPLEX, n.º de série: 150211, Fabricado por: George Mann & Co. Ltd, Leeds, England.
- Uma guilhotina elétrica.
- Uma coleção de punções e matrizes da Imprensa Nacional de Lisboa (Séc. XIX) para a execução manual dos tipos, materiais raros pertencentes ao espólio do Museu Nacional da Imprensa, Porto.
- Duas máquinas de projeção de filmes, Phillips FP, uma de 1956 e outra de 1966.
- Diversos armários tipográficos, em madeira.
- Cavaletes de composição e armazenamento de ramas.
- Zincogravuras, gravuras e caixas de tipo.

O espólio do Museu de Imprensa-Madeira inclui duas máquinas de projetar filmes, uma de 1956 e outra de 1966, que pertenceram a dois cinemas

históricos do Funchal, o Cine Jardim e o Cine João Jardim, respetivamente, porque a determinada altura do projeto de instalação do museu foi equacionada a possibilidade deste ter uma abrangência mais lata, que abarcaria toda a comunicação e não somente a imprensa, mas tal não se concretizou, tendo, contudo, sido decidido manter em exposição um núcleo sobre o cinema no qual merece destaque as referidas máquinas Phillips FP.

Todavia, a génese do museu está centrada nos setores da imprensa e da tipografia e à medida que a tecnologia vai evoluindo e os processos vão sendo ultrapassados por outros mais modernos, os equipamentos desatualizados vão enriquecendo o espólio e a exposição permanente, que é como quem diz, vão dando corpo à história da imprensa na Madeira, iniciada com *O patriota funchalense* em 1821, e que está prestes a completar duzentos anos. Todo este percurso pode ser revisitado no Museu de Imprensa-Madeira, que se apresenta como um museu das ilhas atlânticas.

LOURENÇO FREITAS

(Coordenador do Museu de Imprensa-Madeira)